



Plantações racionais para distribuição de mudas de alta qualidade.



Secando os grãos ao sol.

termos de porcentagem, a antiga posição de dez anos atrás. "Por essa época, o Brasil produzia, em média, 25 a 30 milhões de sacas anualmente, enquanto que atualmente a produção gira em torno de 20 milhões. O que o IBC pretende é a retomada daquela cifra, ou seja, voltar a produzir 25 a 30 milhões de sacas", assegurou Sattamini. Acrescentou que "na política de aumento de produção, o financiamento e o preço de suporte constituem dois

recursos principais utilizáveis. O IBC vem financiando fertilizantes, mudas, custeio, e, através do sistema de preço de suporte, vem aumentando significativamente a remuneração à lavoura".

"A produção da Colômbia dobrou, enquanto a dos países africanos, que veio aumentando até meados da década de 70, começa a decair. As produções de Angola, Congo e Uganda diminuíram devido aos problemas políticos. Com isso, está havendo um reordenamento nas posições mundiais." Há uma situação favorável à expansão do Brasil no mercado.

As pressões dos países importadores são flagrantes. "O melhor meio de resistência é a consolidação dos esforços dos países produtores, para que passem a trabalhar em grupo, coordenando suas políticas e criando fundos para a estabilização das cotações mundiais. Para isso já existe o Grupo de Bogotá. Não há, por enquanto, melhor meio viável para enfrentar-se este tipo de problema."

"As perspectivas para o ano civil de 1980 são de que o Brasil exporte cerca de 15 milhões de sacas. Isto é perfeitamente equilibrado com a produção estimada em 21,200 milhões de sacas, já que o consumo interno girará em torno de sete milhões. Está claro que, para chegarmos ao nível de exportação previsto, terão que ser usados os esto-

ques dos setores privados, acrescidos aos 14 milhões da safra destinados à exportação."

Durante os últimos anos, tem-se verificado um deslocamento das áreas produtivas dos estados do Sul (plantios tradicionais) para outras regiões. "Após a geada de 1975, o plantio em áreas novas começou a ser incentivado pelo IBC, para que as plantações se localizem mais em estados como Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia etc., para minorar o risco das geadas que normalmente incidiam de seis em seis anos, mas que passaram a ter um perí-



Cafeeiros de sementes melhoradas.

odo de incidência menor, ou seja, de dois em dois anos, agravando o problema dos cafezais nas regiões onde mais se verifica este tipo de fenômeno. Por outro lado, evidentemente, não é possível empreender-se um imenso programa para plantar, outra vez, café no Paraná ou São Paulo; mesmo não se consegue mais um nível de produção muito grande, em face da ausência de mão-de-obra", afirma Sattamini.

"As áreas novas são consideradas muito propícias para este tipo de plantio, embora não pesem ainda de maneira significativa na produção brasileira. Para essas regiões, a cultura do café é altamente geradora de mão-de-obra, onde não é possível plantar-se outro produto de características econômicas similares."

A diversificação de cultura também contribuiu para que a cafeicultura em São Paulo e Paraná decaísse — "O surgimento do plantio de soja, por exemplo, transferiu muita mão-de-obra das plantações do café."

"A produção desses estados tende a estabilizar-se, no Paraná, em torno de dez milhões e, em São Paulo, de sete a oito milhões, em contraste com safras de dezoito a vinte milhões produzidas